

DIA DOS NAMORADOS

ACERVO PESSOAL/CAMILA LIMA



Renata e Rafael: casamento marcado e book gráfico feito no Ifes, local onde o romance começou

AMOR DE UMA VIDA TODA

Casais que se conheceram na adolescência contam suas histórias

▄ **BÁRBARA OLIVEIRA**
bneves@redgazeta.com.br

Em meio a provas, livros e o olhar vigilante dos inspetores, Renata Trevelin e Rafael Stange descobriram o amor. Alunos da mesma escola, mas de turmas diferentes, os dois começaram a namorar ainda na adolescência e agora, dez anos depois, já fazem contagem regressiva para o dia do casamento: 19 de agosto.

O começo de namoro, um tanto despretensioso, envolveu os amigos e uma forcinha das redes sociais. Desde março de 2007, os dois não se desgrudaram mais.

“Eu tinha 16 anos, estava no segundo ano do ensino médio integrado com técnico em Estrada. Ele tinha 19 e fazia Engenharia Metalúrgica. A gente tinha amigos em comum, mas no início eu nem ia muito com a cara dele. Até que passamos a conversar no MSN e ficamos amigos. Uma semana depois do primeiro beijo, convidei ele para um churrasco na minha casa, ele foi. Depois disso começamos a namorar”, recorda Renata, hoje com 26 anos.

PEDIDO

Rafael foi o primeiro e único namorado de Renata. Compromisso sério antes dela, ele também não teve. Mas o namoro começou sem um pedido oficial. No ano passado, no entanto, Rafael fez questão de pedir Renata em casamento na frente da família e dos amigos. A noiva, é claro, disse sim.

“São 10 anos juntos. Ano passado virei para ele e falei: ‘Vou me casar no ano que vem, você vai?’. Aí ele fez tudo certinho. A gente voltava da praia e, quando cheguei em casa, estavam lá os nossos amigos e parentes. Ele comprou flores, anel e fez o pedido. Não tinha nem como eu fazer charme”, conta.

Para Renata, eles nasceram um para o outro. “A gente se dá muito bem, se combina muito. Mas se existe um segredo, sempre foi respeito e carinho um com o outro. A gente quase não briga”, afirma.

ENSAIO NA ESCOLA

No começo deste mês, Renata e Rafael voltaram ao lugar onde tudo começou: o Instituto Fe-

deral de Educação (Ifes), em Vitória. O casal escolheu a escola onde se conheceram como cenário para o ensaio de pré-casamento.

— **RENATA TREVELIN**
ENGENHEIRA

— **“Os inspetores implicavam um pouco. Não podia namorar na escola, mas a gente estava sempre junto”**

— **RAFAEL STANGE**
ENGENHEIRO

deral de Educação (Ifes), em Vitória. O casal escolheu a escola onde se conheceram como cenário para o ensaio de pré-casamento.

Uniforme, mochila nas costas, livro na mão. Eles voltaram no tempo e fizeram um registro bonito no lugar que consideram como uma segunda casa.

“Ele estudava em tempo integral, e eu à tarde. Normalmente eu chegava mais cedo para a gente ficar junto, mas não dava para namorar, não podia ficar se agarrando na escola. Os inspetores implicavam um pouco com a gente”, relembra.

E foi em um dia letivo normal, com alunos circulando pelo pátio, que o casal fez os registros fotográficos.

“Foi como era na época em que a gente estudava lá, no pátio com as rodinhas de alunos batendo papo em volta. Foi legal reviver esse momento. Tem muito da nossa história lá”, afirma Renata.

“Tivemos um período de convívio de três anos lá dentro. Foi onde fiz várias amizades importantes da minha vida. O ensaio trouxe lembranças muito gostosas de tudo que vivemos lá”, complementa Rafael.

ANÁLISE

Tem que respeitar as individualidades

▄ Manter uma relação saudável e duradoura passa por três pilares: respeito, comunicação e segurança. A primeira via de qualquer relação precisa ser o respeito, e aqui não falamos apenas de traição, mas principalmente sobre o respeito às individualidades de cada um. Fazer com que um relacionamento que começou na adolescência dê certo exige que cada um tenha a sua individualidade, escolhas e gostos respeitados. Não pode um privar o outro de experiências. Outra coisa importante é estar bem com a gente. Quando estamos bem, ficamos bem com o outro. Toda relação, independente da idade, tem conflitos. Por isso é preciso ter autoconfiança, o que nem sempre é fácil na adolescência. Mas à medida que o casal vai se co-



nhecendo, a segurança aumenta e se aprende a lidar com os conflitos de forma mais leve. É muito possível transformar em casamento um namoro que começou cedo. O que é preciso é manter um olhar de cuidado com a relação. Se a convivência é boa no namoro, tem tudo para dar certo. Depois de casar, o casal ganha mais autonomia e liberdade e passa a construir a própria história sem interferências de outras pessoas.

— **MILENA CARETA**
PSICÓLOGA CLÍNICA, ESPECIALISTA EM TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL

“SOMOS UM CASAL QUE BRIGA POUCO”

Para manter a boa relação, Myrella até mudou de time de futebol por causa de Vinícius

BARBARA OLIVEIRA
bneves@redgazeta.com.br

Foi em um churrasco de amigos da escola, que Myrella e Vinícius se conheceram. Ela tinha 17 anos, ele, 18. E a conversa foi tão boa que eles emendaram a noite em uma boate e assumiram o namoro três meses depois.

De 2002 até hoje, lá se vão quase 15 anos de relacionamento, dez deles só de namoro. Uma marca conquistada com muito diálogo.

“Ele é muito paciente, e me ensinou muito a dialogar. Somos reconhecidos pelos amigos como um casal que briga pouco. A gente sempre se deu bem, ca-

samos muitos amigos antes de subirmos ao altar. Com sete anos de namoro colocamos mais três anos como meta para casar”, conta Mirella Ribeiro, hoje com 32 anos.

De fato, a cerimônia de casamento se concretizou três anos depois. “Casamos exatamente no dia em que completávamos 10 anos de namoro: 29 de setembro de 2012”, lembra.

RENÚNCIA

No casamento, já se sabe, às vezes é preciso ceder. E mudar de time, vale? Pois essa foi uma promessa que Myrella fez ao marido ainda no altar: “Eu que sem-

pre fui flamenguista, falei que ia passar a torcer para o Botafogo. Ele é um botafoguense viciado e ficou todo feliz. Já fomos até ao estádio juntos”.

E é entre uma adaptação e outra e muita conversa que o casal segue junto. Para Myrella, não resta dúvidas: a história dos dois deu muito certo.

“Em casa ele toma conta da cozinha, e eu do resto da casa. Ele é organizado, e eu mais bagunceira. Gostamos muito de festa, por isso deixamos o projeto de filhos para depois. A gente teve medo de a relação mudar com o casamento, mas só melhorou. Somos muito felizes”, conclui.

ARQUIVO PESSOAL



Myrella e Vinícius se conheceram na escola e estão juntos há 15 anos



RICARDO MEDEIROS

Emílio e Daniela estão juntos desde a adolescência: “Construímos algo legal”

“As pessoas achavam que a relação não ia dar certo”

A história da jornalista Daniela Abreu, 46 anos, e do professor de Artes Emílio Aceti, 51, também começou na escola. Eles cursavam o segundo ano do ensino médio no Ifes (Escola Técnica, na época deles), onde começaram a namorar seis meses depois de se conhecerem. De lá para cá, 31 anos se passaram, e o casal segue junto, hoje pais de Elena, 16 anos, Davi, 9, e Elis, 6.

“As pessoas achavam que não ia dar certo, porque ele era mais velho e era ‘gali-

nha’. Mas não é só amor, um relacionamento assim só sobrevive com uma dose muito grande de paciência e de resiliência dos dois lados. Todo mundo tem uma característica ou outra que te desagrada. Namoramos quase oito anos, só tivemos o primeiro filho depois de sete anos de casados. Acho que construímos uma história bem legal”, conta ela.

EQUILÍBRIO

Em meio às diferenças, comuns em qualquer rela-

ção, eles optaram sempre por buscar o equilíbrio.

“Gostamos muito de natureza, bicho. Eu tenho mais tolerância para tudo. Ele é mais permissivo com as crianças. A gente não é discutir. Conversamos e resolvemos. Ele é mais nervosinho, eu sou mais da paz, mas sou mais chata com as coisas de casa. Mas a gente sempre pensou que poderia trabalhar junto para construir uma relação bacana, e tem dado muito certo”, diz Daniela.